



A instalação Penetra se estende à grade do MuBE - Museu Brasileiro da Escultura, do outro lado da Avenida Europa, como parte de seu programa “Portas Abertas”.

O vagar pela casa-museu cumpre papel fundamental no processo

de composição desta proposição, completa apenas pela ação do visitante. Como na narrativa própria do filme ou do livro,² nossa experiência se dá pela apreensão ordenada de espaços conexos, reservados

entre si mas interagindo por justaposição: um dispositivo em que existe- rior e interior sejam ao mesmo tempo conteúdo e narrativa, a deman-

flutuante de quem passeia, um pouco do incômodo que pode sentir um intruso e outro tanto do desaviso de quem se toma por convidado.

3. INTRUSO

Passagem controlada e administração excludente, uma grade,

apesar de sua materialidade incontestável, não se define pela resistência

de seu material, pela altura que alcançam suas lâmpadas ou pelo tamanho de suas barras, mas pelo vão, o vazio pelo qual deixa ver de fora

uma janela, define-se pela abertura que oferece à vista, pelo ar que faz

circular entre dentro e fora.

² Recordo que em nossa primeira conversa sobre este Jardim, Marcius associou

o convite que lhe fazia a sua leitura de então, *A Invenção de Morel*. Embora a

associação tenha me parecido pertinente, a elaboração das propostas não se-

guiu por nenhum caminho que evidenciasse a ligação entre o museu-casa em

que estamos e a topografia em que se desenha esta ficção. Volto a essa relação

como a uma evidência esquecida: de modo análogo ao que ocorre na narrativa

do livro de Bioy Casares, sobrepõem-se à casa as projeções fantasmáticas de

um passa do glamoroso, pleno de detalhes de uma configuração domiciliar

que sempre nos remete ao interior de seus habitantes, destes sendo expostos

modo de vida e modo de funcionamento da casa como estrutura um do outro.

Também compartilhamos com o narrador em primeira pessoa a condição de

visitante ignorado pelas personagens que habitam o museu do qual anseia

para não mencionar a esperança ridícula que cresce no narrador de conquistar

a intimidade de uma figura feminina presa no passado, depositada na tentativa

de cultivar um pequeno jardim...

³ Pergunto-me se algum dia o leitor já teve a experiência de ser expulso de um

enderço significativo de sua frequência. Aparente: penetra. Esclareço que

esse tipo de ignominia nem sempre ocorre com o alarde das façanhas heroicas,

mas, ao contrário, como um procedimento previsto em programas de capaci-

tação para profissionais da segurança, um expediente necessário: um Alguém,

que nunca pode ser culpado por seu lugar de mero cumpridor de ordens, se

aproximaria do leitor e rosaria por entre os dentes a ameaça de uma violência

maior, de um tipo de humilhação que só mete medo em quem se deseja per-

tenente a um lugar tão respeitado. O Alguém lhe conduziria então até a saída

crua. Caberia ao leitor deglutir-la pelo tempo que for necessário. Lá dentro, a

ter tentado entrar, por depois ter pensado que conseguiria ficar, ou até por

ter se deixado expulso. Pouco conta pelo que: o leitor deveria saber que não

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura

JARDIM IMAGINÁRIO

Penetra

de 21 outubro a 17 de dezembro de 2017

Curadoria

Gilberto Mariotti

Fotografia

Marcelo Arruda

Projeto Gráfico

Henrique Godinho

Tradução

Henrik Cabonnier

Assessoria de Imprensa

Mida Brazil Comunicação Integrada

Coordenação Artes Visuais

Renê Foch

Coordenação Geral

Paulo de Freitas Costa

Fundação
CASA • MUSEU
Ema Klabin

Quarta a domingo, das 14h às 17h. Gratuito aos sábados
e domingos. Ingressos: R\$10,00 ou R\$55,00 para estudantes
e terceira idade. Grátis para professores.
Rua Portugal, 43 - Jardim Europa, São Paulo, SP
55 11 3897-3232 | www.emaklabin.org.br
@emaklabin



VIGIA

para *Penetra*, de Marcius Galan
por Gilberto Mariotti

“Dos pântanos de águas salobras vejo a parte alta da colina,
os veranistas habitam o museu.”
Bioy Casares, *A invenção de Morel*

1. SENTINELA

O vigia faz sua ronda ciente de que sua razão de ser depende de ameaça permanente, real ou imaginária. O perigo lhe salvaguarda a função, uma insegurança difusa garante seu ganho. A ameaça, de quando em vez, deve se fazer representar por violência exemplar: uma cerca dobrada, uma grade retorcida, um canteiro de flores pisadas, uma fechadura forçada, um corpo. Qualquer exemplo que atue contra sua obsolescência.

Encontra o limite de sua definição com a guarda do prisioneiro. Sendo a liberdade deste outro seu maior medo, dirige sua ação à inação do outro. Em condição de suspensão permanente, dedica todo seu tempo à iminência da fuga, fazendo-se assim também prisioneiro. Torna-se do outro seu complemento.

Vigilante, ao lado da cela, adormece apesar de todo esforço em evitá-lo, velando o sono do prisioneiro. A este só resta mover-se o mínimo necessário: o prisioneiro guarda toda sua energia.

Cúmplices, vigia e prisioneiro acabam por se sustentar mutuamente. Colegas, observador e vigia se alternam em turnos, dia e noite. Em uma mesma órbita, compartilham da mesma missão: sustento e defesa de algo que chamam, sempre que entre si, de bem comum.

2. CONVIDADO

Como saber se isto que meus olhos me dizem corresponde ao que dizem os olhos dos outros? Como em Freud, algum deslocamento é necessário à chamada prova de realidade. Enganosa se entendida como condição na qual se pode distinguir o real do falso, essa formula-

¹ “Uma percepção que uma ação pode fazer desaparecer é reconhecida como exterior, como realidade: se a ação não modifica a percepção, é por que esta vem do interior do corpo e, portanto, não é real.” Encontro o trecho de Freud não diretamente em seu autor, mas citado por Arlindo Machado em seu *Pré-cinemas e pós-cinemas*, manobrado por ele para indicar a condição passiva em que o espectador do cinema se encontra, dado que é exigida de seu corpo total imobilidade, em contraste com o trabalho intenso que demanda do olho, reflexão fundante deste texto.

